



REVISTA CIENTÍFICA DA UMC



AGEÍSMO EM UNIVERSITÁRIOS DE UM CURSO DE PSICOLOGIA DE UMA UNIVERSIDADE DO ALTO TIETÊ

Milena Patella Rossoni¹; Andrieli Bianca Rodrigues Camilo²

1. Estudante do curso de Psicologia – E-mail: contato.milenapatella@gmail.com;
2. Docente na Universidade de Mogi das Cruzes e Instituto Educatie de Ensino e Pesquisa –E-mail: andrielcamilo@umc.br.

Área de Conhecimento: Psicologia Social.

Palavras-Chave: Envelhecimento; Preconceito; Estudantes de Psicologia.

INTRODUÇÃO

Definido como um dos grandes triunfos, e, concomitantemente, um dos maiores desafios da humanidade (OMS, 2005), o envelhecimento é um processo natural e universal, atravessado por uma série de aspectos multifacetados (biológicos, sociológicos e psicológicos), e, sobretudo, idiossincráticos, que variam em velocidade e magnitude, de um sujeito para outro (CANCELA, 2007; SANTOS *et al.*, 2017; SOUZA *et al.*, 2019). O termo “ageísmo” (do inglês *ageism*), também conhecido por “idadismo” ou “etarismo”, foi introduzido e utilizado pela primeira vez pelo gerontólogo Robert Butler, no século passado, a fim de conceituar a estereotipação e discriminação relacionada à idade, contra qualquer grupo etário (ROZENDO, 2016; SOUZA *et al.*, 2019; EHMKE, 2020; COSTA, 2021). Embora seja um fenômeno global, o ageísmo é expresso de maneira singular, a depender do contexto histórico e da cultura do local (BRITO *et al.*, 2019). A carência de entendimento acerca dessa temática potencializa a criação de crenças errôneas e contraproducentes referentes a essa parcela populacional, reiterando imprudências e ausências de oportunidades nas esferas social, trabalhista e de saúde (SIQUEIRA-BRITO, FRANÇA e VALENTINI, 2016). Não é à toa que o etarismo é considerado o terceiro maior “ismo” da humanidade, atrás do racismo e do sexismo (SIQUEIRA-BRITO, FRANÇA e VALENTINI, 2016; ROZENDO, 2016; FERREIRA, LEÃO e FAUSTINO, 2020). A associação entre ‘pessoa idosa’ e invalidez é profundamente danosa para a sociedade como um todo, uma vez que “[...] ao decretar o destino dos idosos de hoje, o adulto determina seu próprio futuro, afinal, o jovem de hoje será o idoso de amanhã” (COSTA, 2021, p. 11-12). Sendo assim, acredita-se que a Universidade, enquanto espaço e ferramenta de formação humana, assume o compromisso de possibilitar um diálogo intergeracional, a fim de contribuir para uma juventude mais consciente e empática, e uma velhice mais saudável e ativa (ROSSINI NETO *et al.*, 2020; EHMKE, 2020). Ademais, cabe mencionar que o acesso ao ensino formal e universitário e a convivência

intergeracional vêm colaborando para a criação de um contexto de oportunidades e esperança aos idosos, superando os dissabores do ageísmo, e favorecendo a qualidade de vida na terceira idade (ROSSINI NETO *et al.*, 2020).

OBJETIVOS

O objetivo do presente trabalho foi verificar práticas de ageísmo em universitários do curso de Psicologia de uma Universidade do Alto Tietê. Especificamente: caracterizar sociodemograficamente a amostra; avaliar a compreensão acerca do envelhecimento e da população idosa.

METODOLOGIA

Estudo transversal, de natureza aplicada, delineamento de levantamento e procedimento netnográfico, com análise quantitativa dos dados. Aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, conforme CAAE 46778621.5.0000.5497. Participaram setenta e sete (77) estudantes, tendo como critério de inclusão ser aluno regularmente matriculado no curso de Psicologia da UMC, maior de dezoito (18) anos. As pesquisadoras disponibilizaram, através da Plataforma Google Forms, o link para acesso ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), ao questionário sociodemográfico e ao instrumento denominado “Escala Fraboni de Idadismo”, criado por Fraboni, Saltstone e Hughes (1990) e composto por vinte e nove (29) questões, que avaliam níveis de antilocução, evitamento e discriminação.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os dados da amostra apontaram para 81,8% indivíduos do gênero feminino. Uma possibilidade de reflexão acerca desse dado é o fato de que, conforme proferido por Venturini (2017), está havendo um avanço no que atina à inserção de mulheres no ensino superior e no mercado de trabalho, além de representarem parcela majoritária das pessoas concluintes dos cursos de graduação e de pós-graduação, tanto mestrado(s), como, também, doutorado(s). Outro dado é que o estado civil de 80,5% dessa parcela se refere a “casadas”. Identificou-se ainda, que, embora o item “Ocupação” seja referente a um ofício ou profissão atuante, quase metade (40,26%) dos participantes declararam-se como “desempregados” e “desocupados”, e, por isso, foram incluídos à categoria “Desocupação”. A grande parcela de desempregados na amostra da pesquisa pode ser justificada pela média de idade dos participantes (25,74), e pelo atual cenário de desemprego no Brasil, principalmente após o advento da pandemia de Covid-19. Em relação ao aspecto “idade”, historicamente, a população jovem adulta brasileira se depara com maiores percalços na tentativa de ingressar no mercado de trabalho, seja em razão da inexperiência, da escolaridade, de demasiados requisitos e/ou de poucas oportunidades (BRASIL e FREITAS, 2021).

Ao verificar a Média e Desvio Padrão para a Escala de Idadismo, observou-se os itens mais elevados, sendo a **questão 9**: *Eu preferiria não ir a uma festa voltada a idosos se fosse convidado (a)* (M= 2.05; DP= 1.123), **questão 7**: *A maioria dos idosos pode ser irritante por contar as mesmas histórias várias vezes* (M= 2.00; DP= 1.026), **questão 2**: *A maioria dos idosos não se interessa em fazer novos amigos, preferindo o círculo de amigos que já tem por anos* (M= 2.16; DP= 1.014), e a **questão 5**: *A maioria dos idosos fica mais feliz quando está com pessoas de sua idade* (M= 2.71; DP= 1.011), indicando maior divergência de opiniões. Observa-se que as questões 9, 2 e 5 referem-se à categoria de Evitamento, que ocorre quando se limita ou restringe contato com o grupo de idosos, e a questão 7 atina à categoria de Antilocução, que acontece quando há referência ao grupo, de forma depreciativa, com base em informações erradas ou imprecisas. Essas manifestações antilocutivas e de evitamento elucidam componentes afetivos do etarismo, elementos esses que, na prática, se refletem na maximização de atitudes consonantes a isolamento, direcionados a idosos, de práticas e dinâmicas grupais, em destoância do que ocorre com grupos de pessoas consideradas mais jovens (VIEIRA, 2013). No que diz respeito aos valores médios mais baixos, observou-se maior congruência de opiniões no **item 25**: *Idosos merecem os mesmos direitos e liberdades concedidos aos outros membros de nossa sociedade* (M= 4.00; DP= 0.00). Concernente a essa temática, cabe destacar que o Estatuto do Idoso foi redenominado para “Estatuto da Pessoa Idosa”, com base no Projeto de Lei nº 3.646/19, objetivando, reduzir termos – e práticas – desumanizantes inerentes ao processo do envelhecimento, bem como propiciar maior visibilidade estatal e populacional da dupla carga de vulnerabilidade a que indivíduos idosos do gênero feminino são, em parcela majoritária das vezes, subjugados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em consonância com os dados e análises acerca dos quais discorreu-se nesse trabalho, concluiu-se que o ageísmo destoia dos princípios de dignidade humana preconizados constitucionalmente, enquanto atitude discriminatória geracional, e, portanto, deve ser combatido incessantemente, em vias de reduzir o máximo possível de aspectos como sensação de solidão, baixa autoestima e depressão, consequências diretas de práticas discriminatórias direcionadas a idosos. Assim sendo, é extremamente relevante que esses temas sejam discutidos com frequência em escolas, universidades e por meio de redes televisivas e midiáticas, visto que até mesmo – conforme resultados da presente pesquisa – alguns estudantes de Psicologia reproduzem comportamentos ageístas, é grande a probabilidade de essas práticas serem ainda maiores entre pessoas que não possuem e/ou não buscam acesso a informações acerca de consequências psíquicas de atitudes preconceituosas e discriminatórias. Ademais, considerar interseccionalidades relacionadas ao ageísmo é imprescindível, haja vista o fato de que aspectos como gênero, etnia, classe social e

neurodiversidade devem ser substancialmente considerados quando se debruça o olhar acerca do sofrimento vivenciado por essa parcela da população. Outro ponto de importância a ser considerado é o quanto fortemente a pressão estética corrobora a maximização dos preconceitos, inclusive dos direcionados aos idosos, que refletem, em grande parte, receios acerca do processo de envelhecimento, sob a perspectiva errônea de que envelhecer é sinônimo de invalidez. Assim sendo, a estimulação à valorização, a nível mundial, das particularidades de cada indivíduo em todos os quesitos - que podem ser difundidos pelas diversas redes de disseminação de informação – é o primeiro passo para a desconstrução de concepções limitadas, limitadoras e opressoras. Sugere-se que novas pesquisas sejam desenvolvidas em outros segmentos educacionais para identificar a prática de ageísmo, possibilitando o diálogo e diminuindo o preconceito presente na sociedade.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei nº 3.646**, de 18 de junho de 2019. Altera a Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003, para atualizar sua denominação para Estatuto da Pessoa Idosa; tendo parecer da Comissão de Defesa dos Direitos da Pessoa Idosa, pela aprovação (relatora: DEP. LÍDICE DA MATA).

BRASIL, M. C.; FREITAS, M. **Jovens e a falta de oportunidade no mercado de trabalho**. In: 5º Seminário de Tecnologia, Gestão e Educação – III Jornada Acadêmica e Simpósio de Egressos. Rio Grande do Sul: Alcides Maya, 2021. Disponível em: <http://raam.alcidesmaya.com.br/index.php/SGTE/article/view/330>. Acesso em 08 fev. 2022.

BRITO, V. F. *et al.* **Trabalho e envelhecimento: uma análise do ageísmo no contexto organizacional**. In: Anais CIEH – IV Congresso Internacional de Envelhecimento Humano. Campina Grande: Realize Editora, 2019. Disponível em: <https://www.editorarealize.com.br/artigo/visualizar/2782>. Acesso em 26 fev. 2021.

CANCELA, D. M. G. O processo de envelhecimento. **Psicologia.com.pt**, 2007. Disponível em: <https://www.psicologia.pt/artigos/textos/TL0097.pdf>. Acesso em 14 fev. 2021.

COSTA, R. M. A. S. Ageísmo em tempos de pandemia: desvelando o preconceito contra idosos no Brasil. **Longeviver**, São Paulo, n. 9, p. 5-14, 2021. Disponível em: <https://revistalongeviver.com.br/index.php/revistaportal/article/view/866>. Acesso em 14 fev. 2021.

EHMKE, D. P. **Práticas de ageísmo**: investigação sobre o preconceito contra o idoso entre universitários. 2020. Dissertação (Mestrado em Práticas Socioculturais e Desenvolvimento Social) – Unicruz, Cruz Alta, 2020.

FERREIRA, V. H. S.; LEÃO, L. R. B.; FAUSTINO, A. M. Ageísmo, políticas públicas voltadas para população idosa e participação social. **Acervo Saúde**, v. 42, n. 42, p. 1-7, 2020. Disponível em: <https://acervomais.com.br/index.php/saude/article/view/2816>. Acesso em 14 fev. 2021.

FRABONI, M.; SALTSTONE, R.; HUGHES, S. The fraboni scale of ageism (FSA): an attempt at a more precise measure of ageism. **Canadian Journal on Aging**, n. 9, p. 56-66, 1990. Disponível em: <http://psycnet.apa.org/record/1990-24218-001>. Acesso em 14 fev. 2021.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Envelhecimento Ativo: Uma Política de Saúde**. Brasília: Organização Pan-Americana de Saúde, 2005.

ROSSINI NETO, M. J. *et al.* Estereótipos sobre os idosos: o papel da Universidade na redução do

ageísmo. **Archives of Health Investigation**, v. 9, n. 1, 93-97, 2020. Disponível em: <https://www.archhealthinvestigation.com.br/ArcHI/article/view/5098>. Acesso em 14 fev. 2021.

ROZENDO, A. S. Ageísmo: um estudo com grupos de terceira idade. **Kairós-Gerontologia**, São Paulo, v. 19, n. 3, p. 79-89, 2016. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/31558>. Acesso em 14 fev. 2021.

SANTOS, M. C. *et al.*. Percepções e vivências de idosos sobre sua sexualidade. **Almanaque Multidisciplinar de Pesquisa**, v. 1, n. 1, p. 25-36, 2017. Disponível em: <http://publicacoes.unigranrio.edu.br/index.php/amp/article/view/4317>. Acesso em 11 mar. 2020.

SIQUEIRA-BRITO, A. R.; FRANÇA, L. H. F. P.; VALENTINI, F. Análise fatorial confirmatória da escala de ageísmo no contexto organizacional. **Avaliação Psicológica**, Itatiba, v. 15, n. 3, p.337-345, 2016. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-04712016000400007&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 28 fev. 2021.

SOUZA, L. E. C. *et al.*. Repertórios discursivos de estudantes universitários sobre a discriminação contra idosos. **Atas - Investigação Qualitativa em Saúde**, Lisboa, v. 2, p. 381-389, 2019. Disponível em: <https://proceedings.ciaiq.org/index.php/CIAIQ2019/article/view/2040>. Acesso em 14 fev. 2021.

VENTURINI, A. C. A presença das mulheres nas universidades brasileiras: um panorama de desigualdade. *In: 13º MUNDO DE MULHERES & FAZENDO GÊNERO 11: TRANSFORMAÇÕES, CONEXÕES, DESLOCAMENTOS*, 2017, Florianópolis, ISSN 2179- 510X.

VIEIRA, R. S. S. **Esteréotipos e preconceito contra os idosos**. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Centro de Ciências de Educação e Ciências Humanas da Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão, 134 p. 2013.

AGRADECIMENTOS

Presto imensuráveis agradecimentos à equipe docente e discente da Universidade de Mogi das Cruzes (UMC), pelo incentivo à pesquisa; à coordenadora do curso de Psicologia da UMC, Ana Cristina Gomes Teixeira Arzabe, por ter abraçado a mim e meus projetos desde meu primeiro semestre de curso; à minha orientadora dessa pesquisa, Andrieli Bianca Rodrigues Camilo, por todo apoio e orientações; à minha ex parceira de pesquisa, Bárbara Velo, que foi uma companheira acadêmica incrível, e que, por motivos adversos, teve que trancar o curso; às pessoas que considero minha rede de apoio, por não terem soltado a minha mão.